

IDENTIDADE E TERRITÓRIO:

A Força do Artesanato
no Turismo Regenerativo

SUMÁRIO

03

Quem Somos

06

Qual é a relação entre o Turismo e o artesanato?

07

Qual é a diferença entre valor e preço quando o visitante escolhe um artesanato?

08

Como o artesão pode se inspirar para criar um artesanato de identidade regional de alto valor agregado?

09

Quais são as matérias-primas de base para criar artesanato de forte identidade regional?

11

Quais são as técnicas que poderão ser utilizadas?

56

Artesanato que regenera

57

Ficha técnica



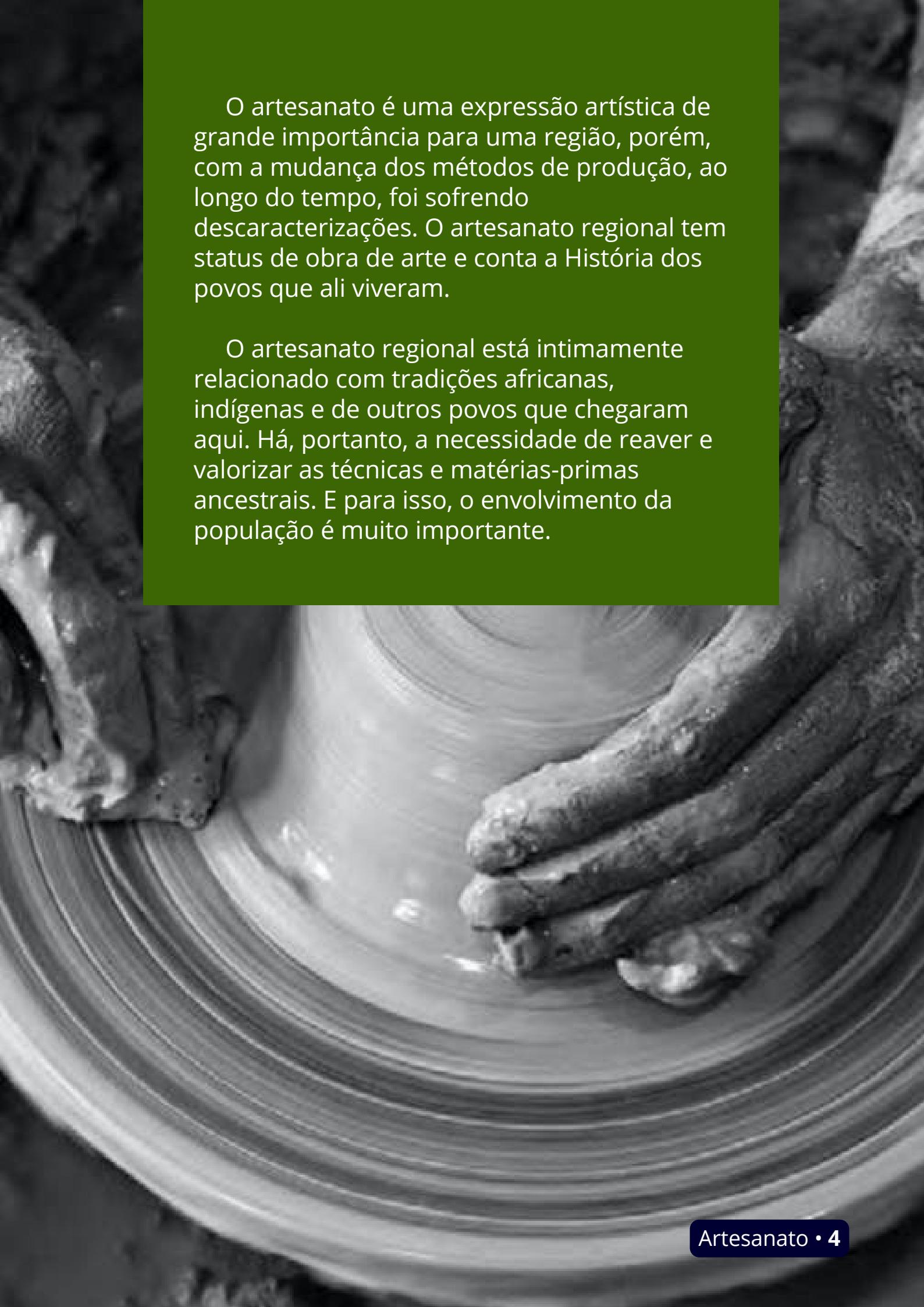
QUEM SOMOS

O **Instituto Aupaba** é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, especializada em ações e projetos de impacto voltados para desenvolvimento territorial, com foco em turismo regenerativo.

Nossa abordagem considera as dimensões ambientais, sociais e de governança (ESG), apoiando instituições e empresas interessadas em contribuir para o bem estar planetário. Isto significa que nossos projetos educam, promovem a cultura, valorizam o patrimônio biocultural e as vocações econômicas locais.

Para nós o turismo é um instrumento de transformação social e econômica.

Nosso objetivo é identificar o patrimônio material e imaterial local, apresentando-o para o Brasil e para o mundo, resgatando e ajudando a proteger o legado ancestral dos povos que viveram e vivem aqui.



O artesanato é uma expressão artística de grande importância para uma região, porém, com a mudança dos métodos de produção, ao longo do tempo, foi sofrendo descaracterizações. O artesanato regional tem status de obra de arte e conta a História dos povos que ali viveram.

O artesanato regional está intimamente relacionado com tradições africanas, indígenas e de outros povos que chegaram aqui. Há, portanto, a necessidade de reaver e valorizar as técnicas e matérias-primas ancestrais. E para isso, o envolvimento da população é muito importante.



Conforme a PORTARIA N° 1.007-SEI, DE 11 DE JUNHO DE 2018, todo artesanato deve seguir os critérios de uma base conceitual que respeite tradições, técnicas e matérias-primas originais.

Os saberes originais devem, portanto, ser preservados. Este pequeno manual simplifica os critérios definidos na Portaria e defende, dentro do Programa do Artesanato Brasileiro, do Ministério do Turismo, demonstrando como o nosso artesanato pode recuperar todo o seu potencial econômico, social, cultural e artístico.

QUAL É A RELAÇÃO ENTRE O TURISMO E O ARTESANATO?



O turismo é uma ciência multi e interdisciplinar que se dedica a compreender os processos de evolução de um território e aquilo que pode interessar genuinamente aos visitantes. Assim, o turista pretende conhecer, no destino turístico, aquilo que é do território, evitando cópias e objetos que possam ser adquiridos em qualquer outro lugar.

Quando oferecemos ao visitante a oportunidade de conhecer um artesanato genuíno e autêntico, o valor percebido é maior. E ele assume que está levando para casa um objeto artístico e com valor agregado, que lhe remeterá às experiências vividas no local. Quando há um excesso de souvenirs manufaturados ou que não tenham originalidade em um determinado lugar, o visitante não procura o valor, mas sim, o preço. Quanto menos originalidade tiver o artesanato, menos o visitante estará disposto a pagar pelo objeto.

QUAL É A DIFERENÇA ENTRE VALOR E PREÇO QUANDO O VISITANTE ESCOLHE UM ARTESANATO?



Parece a mesma coisa, mas não é. Quando um trabalho é elaborado por mãos hábeis e criativas, todos percebem o diferencial do produto, e com isso, o valor percebido aumenta, mesmo que a matéria-prima seja simples e de baixo custo. Quando o artesanato se torna algo mecanizado, copiado e não tem relação com o território, o preço dele cai, pois ele precisa competir com outros produtos para se destacar. É quando o artesanato se torna um produto comum, ou seja, um trabalho manual sem identidade cultural/regional.

O verdadeiro artesanato tem alto valor agregado, pois resgata técnicas, matérias-primas, estética e conta uma história sobre um lugar e sua gente.

COMO O ARTESÃO PODE SE INSPIRAR PARA CRIAR UM ARTESANATO DE IDENTIDADE REGIONAL DE ALTO VALOR AGREGADO?



A arte tem um processo de precificação muito distinto. Para que ele se torne relevante, é necessário que o artesão seja habilidoso, cuidadoso e disciplinado. Além disso, precisa conhecer a história da região: os personagens, as comidas, as armas, as ferramentas, os lugares, as roupas, a religiosidade. Esses são símbolos que servirão de inspiração para criar peças únicas e de desejo.

O visitante está interessado em peças que tenham um capital social e que possam servir de base para uma bela conversa entre amigos e familiares.

QUAIS SÃO AS MATERIAL-PRIMAS DE BASE PARA CRIAR ARTESANATO DE FORTE IDENTIDADE REGIONAL?



Dentro do rol de matérias-primas que a portaria define, aquelas que mais têm relação com a cultura local são do grupo 1. Além disso, a portaria também oferece opções manufaturadas. É essencial que a seleção e o uso dessas matérias-primas promovam o respeito à biodiversidade e incentivem a preservação da natureza, garantindo a sustentabilidade do território.

GRUPO 01: MATERIA-PRIMA NATURAL de origem animal, mineral ou vegetal - carcaças, casca, casco, ossos, cera, couro, pele, pelo (ou crina), dente, chifre, pena, pluma, caule, raiz, fio, fibra, flor, folha, fruto, madeira, sementes, areia, argila, pedra.

Para mais informações, consulte a portaria.



QUAIS SÃO AS TÉCNICAS QUE PODERÃO SER UTILIZADAS?

1. AMARRADINHO/ PUXADINHO/ESMIRRA

Consiste em preencher as tramas da talagarça (ou tear) com retalhos, sempre no mesmo sentido. Os retalhos são inseridos na trama e presos com um nó simples, mas firme. Preenche uma trama, pula a seguinte e preenche a outra, seguindo até o fim da carreira. Na carreira seguinte, intercala o amarradinho com a trama da carreira anterior. O avesso é liso, já a frente do trabalho é cheia e fofa.



Amarradinho - Camila Rosa/Produção TV



Flor boleada -
JÔ ARTESANATO/YouTube

2. BOLEADO

Técnica de transformar material plano em forma boleada utilizando o boleador de metal que é aquecido no fogo e, ainda quente, colocado sobre a matéria-prima a ser trabalhada (fibras vegetais, papel, material sintético e tecido). Com o auxílio das mãos criam-se pequenos sulcos, valetas ou nervuras na matéria-prima.

3. BORDADO

Uma arte muito comum, mas que durante o Império servia para acrescentar riqueza e luxo às roupas da corte. Era comum que as futuras noivas recebessem um enxoval finamente bordado com peças que iam da camisola às toalhas de mesa. Hoje o bordado ganhou novos significados e vem sendo redescoberto como forma de expressão e arte pelos jovens.



Sacola bordada com a residência da família Vitório da Costa, hoje Hostel Vale do Café, Ipiabas- RJ - Grupo Bordando o Vale do Café/Facebook



Aplicação_@Florart_aamp

3.1. APLICAÇÃO

Técnica com aplicação de tecidos recortados e dispostos formando uma imagem, cujo contorno é bordado com ponto caseado se feito à mão, ponto cheio e ziguezague se feito à máquina. Miçangas e pedrarias somente serão aceitas na produção de peças artesanais referentes a manifestações culturais populares e tradicionais, relacionadas em documentos pelas coordenações estaduais.

3.2. ARPILHARIA

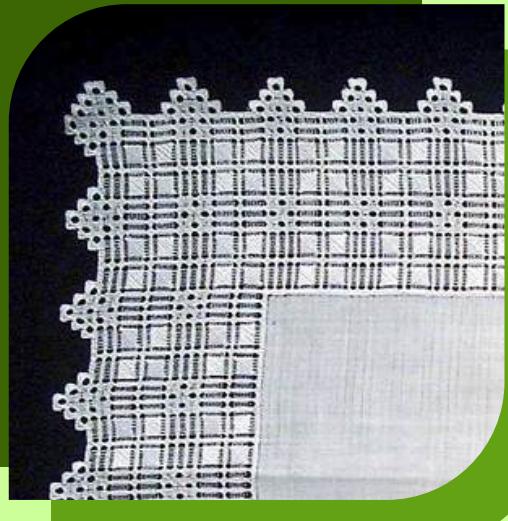
Técnica que consiste na aplicação de bordado usando sobras de tecido em linguagem de relevo, formando figuras da fauna, da flora e paisagens, aplicadas em alto relevo sobre outro tecido. Toda a costura é feita à mão, utilizando agulhas e fios, inclusive fios de lã para realçar o contorno das figuras.



Peça artesanal confeccionada por mulheres pantaneiras denominada arpilharia.
Foto: Bruna Obadowski/A Lente

3.3. BOA NOITE

A técnica desse bordado consiste em desfiar o tecido e recompô-lo em faixas com motivos florais. Sempre rigorosamente geométrico e seguindo a trama dos tecidos. O bordado se apresenta em quatro diferentes composições: Boa Noite Simples, Boa Noite de Flor, Boa Noite Cheio e uma variante do Boa Noite Cheio. Para compor essa técnica de bordado, precisa-se de agulha, bastidor, tecido, tesoura e linha - as mais fortes para o acabamento e as mais finas para a feitura dos pontos. O bastidor é o suporte de madeira circular no qual o tecido é esticado, permitindo que se tenha a base necessária para começar a bordar.



Cooperativa Art Ilha - Rede Artesol



Bordado Livre Em Chita Luiza Carvalho Aracaju/SE

3.4. BOUVAIRE

Técnica de bordado livre e feita à máquina, também conhecida como ponto de cadeia. Nesta técnica, o controle é exclusivo da bordadeira e pode utilizar bastidor no seu desenvolvimento. Os desenhos são inicialmente riscados no suporte escolhido (tecido, palha, couro) para depois serem bordados. Podem ser utilizados fios de várias espessuras em linha de algodão ou sintética.



3.5. CAMINHO SEM FIM

Pode ser feito à mão ou à máquina. Nesta técnica, faz-se um caminho sinuoso e longo em todo o tecido, por isso a técnica se chama caminho sem fim. É encontrado também agregado a outras técnicas, como no acolchoamento de costuras (quilting) e no patchwork.

Imagen: Caminho sem fim_@marciasafre

3.6. CASA DE ABELHA

Bordado à mão, executado em tecido franzido anteriormente ou durante o bordado. Utilizando-se a linha de bordado e a agulha, vai-se juntando as dobras do tecido, formando desenhos que lembram uma colmeia ou “casa de abelha”.



Bordado Casa de abelha - Pinterest



Corrente ou cadeia - Pinterest

3.7. CORRENTE OU CADEIA

Ponto decorativo em forma de corrente, muito usado para contornar outros bordados. Também se pode usar esse ponto para preencher todo o interior do desenho. Geralmente é colocado na composição juntamente com outros tipos de pontos. Quando feito para preenchimento, contorna-se inicialmente o desenho para depois ir preenchendo até chegar ao centro.

3.8. CRIVO OU CONTADO

É uma técnica trabalhada com um emaranhado de pontos que se faz desfiando o tecido, montado em armação de madeira (tela ou bastidor), unindo fios e preenchendo espaços com cerzimentos. É um bordado de agulha onde se empregam os pontos de corte, de fios tirados, cruz, melindre, relevo e cerzimentos. O ponto crivo pode ser executado em qualquer tecido com fios contáveis, onde se fazem pequenos cortes em fios determinados do tecido, formando desenhos. O que o caracteriza é a formação de buracinhos e a passagem da linha através destes.



Crivo ou contado - Elo7

3.9. FILÉ

Técnica que consiste em preencher um desenho sobre uma rede, feita com linha de algodão, também conhecida como grade. Essa grade é confeccionada com a mesma técnica usada nas redes de pesca. A partir da rede de nó, presa a uma peça de madeira com formatos e tamanhos diferentes, desenvolve-se a trama com pontos numa agulha de mão. Também conhecida como uma técnica de bordado, porém não utiliza o tecido como suporte, podendo ser classificada como renda.



Bordado Filé -
Foto: Tribuna do Sertão



Bordado Labirinto - Pinterest

3.10. LABIRINTO

Técnica que parte do risco de um desenho no tecido. Em seguida, obedecendo ao desenho, o tecido é desfiado com auxílio de agulha, lâmina e tesoura, desfazendo a trama original e formando outra em forma de tela. A partir daí, se cria uma nova trama, com novas texturas, formas e estampas, usando agulhas muito finas no tecido esticado em uma grade ou bastidores. A partir dos espaços que se abrem pela trama, outros fios são entrelaçados e os próprios espaços, emoldurados por cores ou texturas novas, formam padrões originais nos tecidos.

3.11. OITINHO

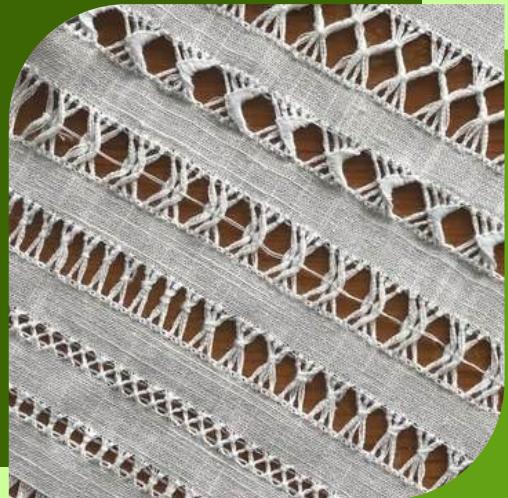
É uma variação da técnica vagonite. Consiste em passar a agulha da direita para a esquerda, voltando no mesmo lugar e deixando o fio da trama do primeiro grupo de tecidos de fios. Já com o fio arrematado, pula-se uma das carreiras de tramas do grupo de cima e começa a fazer o mesmo no segundo grupo. As carreiras devem sempre começar contrárias às anteriores.



Bordados Renata Alves - YouTube

3.12. PONTO ABERTO

Bordado à mão e do tipo fios contados, em que primeiramente o pano é desfiado na região a ser bordada. Depois se utiliza agulha e linha para unir os fios que ficaram no tecido e construir o ornamento. Forma desenhos mais padronizados, já que a sua característica marcante é a contagem igual de fios e a sua união através de pontos diversos. Geralmente é executado em tecido e linha na cor branca. Mesmo sendo incomum, também pode ser feito com máquina a pedal e utilizando o bastidor que é o suporte de madeira circular no qual o tecido é esticado, permitindo que se tenha a base necessária para começar a bordar.



Melissa Thiesen - YouTube



Ponto cheio -
@Florart_aamp

3.13. PONTO CHEIO

Este ponto básico compreende o enchimento de linha ou algodão. Deve ser trabalhado no sentido contrário ao alinhavo, preenchendo todo o interior do desenho. Como resultado final o bordado fica com um efeito de maior relevo. O número de fios sobre os quais os pontos são trabalhados depende do efeito desejado.



3.14. PONTO CRUZ

Conhecido também como ponto de marca e bordado de fio contado. Bordado com ponto imitando pequenas cruzes que permite a contagem de fios e quando agrupadas, formam um desenho. Geralmente executado em tecido etamine e linho.

Imagen: Ponto cruz -
@Florart_aamp

3.15. PONTO MATIZ

Tem a forma do Ponto Cheio, normalmente usado para dar um efeito matizado, ou seja, tendo em um mesmo desenho a mistura de cores e nuances variadas. Usado também para dar o efeito sombreado. Na primeira carreira, os pontos são alternadamente longos e curtos e bem unidos para seguir o contorno do desenho. Os pontos das carreiras seguintes são arrumados visando instituir uma superfície uniforme e macia.



Ponto a Ponto - Sissi Antunes
Facebook



Inovação Artesanal - YouTube

3.16. PONTO RETO

Bordado à mão em pontos feitos na horizontal e na vertical. Para formar o desenho, segue esta mesma direção. É iniciado e finalizado com a mesma direção do ponto. Algumas vezes, esses pontos são de tamanhos variados, o que possibilita uma sensação de que o desenho é diagonal. É o ponto base do bordado rendendepe.



3.17. PONTO RUSSO/RÚSTICO

O ponto russo é uma técnica de bordar em alto relevo, feita com uma agulha especial, bastidor e tecido. Quando finalizado tem um efeito felpudo e atoalhado e com relevo bastante destacado.

Ponto Russo - Blog Deia Klier

3.18. PONTO SOMBRA

Também conhecido por Ponto Atrás Duplo. O Ponto Sombra é bordado em tecido fino e transparente, com pequenos pontos atrás, no avesso, alternadamente gerando efeito sombreado no lado direito do tecido.



Ponto Sombra -
Cristina Crepaldi - YouTube

3.19. REDENDÊ, RENDEDEPE, RENDA DE DEDO OU HARDANGER

Técnica executada preferencialmente sobre linho preso em bastidor. Após ser bordado é recortado com tesoura para retirada do centro do bordado ou das partes do tecido que não foram cobertas pela linha. São utilizados pontos cheios e abertos formando desenhos geométricos.



Nilda Kimura - Pinterest

3.20. RICHELIEU

Bordado livre que pode ser executado à mão ou à máquina de pedal, com o auxílio do bastidor. O desenho é feito em papel manteiga e depois passado para o tecido. O tecido é costurado com ponto reto e reforçado com zigue-zague, contornando-se todo o desenho. Com a tesourinha, corta-se a parte interna do desenho e são bordadas as ligações internas (grades) e depois o contorno, utilizando um cordão/linha chamada cordonê.



Bordado Richelieu - Wikipedia

3.21. ROCOCÓ

Sequência de pontos sobre o tecido em torno de uma agulha. A agulha é introduzida tantas vezes quantas desejadas e no mesmo lugar. Com o auxílio de uma agulha de furo pequeno que permita a passagem através da linha enrolada, puxa-se a linha até obter o ponto rococó desejado. É um bordado que possui volume, apresentando um aspecto semelhante a figuras tridimensionais.



Ponto Rococó -
Cláudia Roveri - YouTube



Bordado Vagonite - Instagram

3.22. VAGONITE

Bordado em tecido com textura tipo tabuleiro em relevo ou em tecido etamine, no qual a agulha desliza sob a trama mais proeminente, sem atravessar o seu avesso. Os desenhos têm padrão geometrizado por causa do seguimento das tramas do tecido.

3.23. XADREZ

É uma técnica feita à mão e é assim chamado por ser produzida em tecido xadrez, aproveitando-se o quadriculado para fazer o bordado. É executado com pontos diversos, sendo bastante comum o uso do ponto de cruz duplo.



Ana Maria Ronchel - YouTube

4. CALADO/ VAZADO

Consiste em formar figuras na parte central de chapas de madeira, metal e outros, utilizando ferramentas de corte como broca, serra de arco, lima, lâmina, dentre outros. A técnica é conhecida como calagem por sua utilização nas peças de cerâmica no período colonial espanhol na América Latina.

Atualmente, a técnica é utilizada pelos artesãos brasileiros para a produção de luminárias de madeira e PVC, bem como porta-retratos, oratórios e outros itens. Não é permitido usar máquina a laser.



Calado/Vazado em MDF - Internet



Carpintaria_@oficinademarias

5. CARPINTARIA

Utiliza ferramentas variadas, dependendo da peça a ser confeccionada, sendo as mais comuns a serra, serrote, formão, goiva, trena, martelo, dentre outros. Sua matéria-prima fundamental é a madeira natural, exigindo conhecimentos sobre a especificidade dessa matéria. São produzidos mobiliários e utilitários mais rústicos.

6. CARTONAGEM

A técnica de cartonagem permite modificar e criar diversos objetos decorativos e utilitários com papelão, papel, cartão ou outros tipos de papéis grossos. São utilizados cola branca, tecidos estampados e papéis decorados para fazer a forração da estrutura cartonada. Esta técnica será considerada desde que haja o preparo, pelo artesão, do papel a ser utilizado na confecção do produto final.



Cartonagem - Fraspaper

7. CERÂMICA

A cerâmica é uma das artes mais antigas da humanidade. Como em boa parte do território nacional, a argila que nos caracteriza é a terracota de queima avermelhada, pela abundância de óxido de ferro em sua composição. Os demais tipos de argila como a Faiança, o Grés e a Porcelana são, em grande parte, utilizados para produção industrial de peças utilitárias servindo de base para pintura artesanal, porém também são utilizadas em ateliês para produções de peças artísticas. A técnica do Raku é uma queima de esmalte herdada da tradição japonesa muito utilizada atualmente por seu belo efeito artístico.



7.1. FAIANÇA

É uma cerâmica branca, composta por massas porosas, de coloração esbranquiçada e que precisa passar por um processo posterior de vitrificação. As peças são cozidas a uma alta temperatura de 1250° e possuem menor resistência que a porcelana e o grês. Seus produtos incluem aparelho de jantar, aparelho de chá, xícara e caneca, peças decorativas, etc.



Foto: 2009 Pedro Clode
Internet



Louça de mesa rústica em grés feita à mão pela Kari Ceramics

7.2. GRÉS

Massa cerâmica, cuja composição é semelhante à das rochas. A principal diferença entre essa massa e as rochas é que, enquanto as rochas se formam na natureza, o grés é preparado pelo homem com uma seleção de minerais e uma parte de argila plástica. Em sua composição não entram argilas tão brancas ou puras quanto na porcelana, o que estabelece uma coloração rósea, levemente avermelhada nas baixas temperaturas e acinzentada nas mais altas. A temperatura de queima pode ficar entre 1150 e 1300°C. Após a queima, se tornam impermeáveis, vitrificadas e opacas (refratárias). Ela vitrifica na sua temperatura de queima, o que permite a fabricação de vários tipos de produtos. Estes são, em caso particular, feitos em uma só queima. Também conhecida pelo termo inglês "stoneware" (barro-pedra). O grés é, em última análise, uma porcelana não translúcida.

7.3. PORCELANA

Técnica que utiliza massas constituídas a partir de argilominerais (argila plástica e caulim), quartzo e feldspato bastante puros. Depois de secas as peças sofrem a primeira queima a 900°C, cujo objetivo é dar às peças resistência e porosidade para a perfeita absorção do verniz. O verniz é composto pelos mesmos materiais da massa, em quantidades diferentes. Após a aplicação do verniz nas peças, é feita uma segunda queima, que é realizada a uma temperatura que varia entre 1380°C a 1400°C. Depois disto, a massa torna-se compacta, sem porosidade, adquirindo cor branca e vitrificada.



Jarra de porcelana
Internet



Moringa Terracota em Cerâmica
do Vale do Jequitinhonha, MG

7.4. TERRACOTA

A terracota é um material constituído por argila cozida no forno, sem ser vidrada, e é utilizada em cerâmica e construção. O termo também se refere a objetos feitos desse material e à sua cor natural, laranja acastanhada. A terracota caracteriza-se pela queima em torno dos 900° C, apresentando baixa resistência mecânica e alta porosidade, necessitando de um acabamento com camada vítreia para torná-la impermeável. É uma cerâmica fria similar à argila, mas muito mais limpa e fácil de trabalhar.

7.5. RAKU

Técnica cerâmica que começa por modelar uma peça de barro poroso, cozendo-a a uma temperatura não muito elevada. Depois, aplica-se o vidrado na peça, e leva-se de novo ao forno, a uma temperatura de 800 a 1000 °C. As peças são retiradas ainda incandescentes e colocadas num ambiente com pouco oxigênio. Se surgir alguma chama é necessário tapar rapidamente o recipiente da serradura e deixar a peça descansar por alguns minutos. O fumo que escapa neste processo é um lençol espesso, quase viscoso, amarelado e muito tóxico. Na terceira fase do processo, a peça é retirada da serradura e rapidamente mergulhada em água. Todas estas ações permitem criar efeitos singulares: craquelês, brilhos e texturas especiais. A porosidade do barro, a quantidade de vidrado e a forma como este se aplica, a temperatura do forno, a madeira de que é feita a serradura, a temperatura da peça, o contato maior ou menor da superfície da peça com a serradura, o tempo de imersão em água tudo isso pode alterar a cor e brilho. As zonas da peça onde não foram colocados vidrado ficam totalmente pretas, o que permite criar contrastes com o vidrado branco, sobretudo quando há craquelê.



7.6. TRADICIONAL

A cerâmica tradicional de olaria é utilizada para fabricar objetos de uso doméstico, sendo os mais utilizados os potes (recipientes de transporte e depósito de água) e panelas para cozimento de alimentos. O fabrico da olaria passa pela modelagem à mão ou pela técnica do torno (roda de oleiro). A queima é feita uma única vez em forno ou secada no sol, sendo os objetos cozidos uma única vez a uma temperatura de 800°C. A preparação da massa é feita por métodos tradicionais locais que são transmitidos por meio de conhecimentos empíricos.



Cerâmica Tradicional
Pixabay

7.7. VIDRADO OU ESMALTE CERÂMICO

Este é um tipo de vidrado feito a partir de minerais e óxidos que, uma vez levados à queima, após a sua aplicação nas peças, conferem uma aparência de vidro. Depois de esmaltada, é “queimada” no forno de alta temperatura, onde o esmalte se derrete e forma uma fina camada vitrificada sobre a peça. A pintura pode ser feita antes ou depois de se esmaltar a peça. Para ser considerado artesanato, o artesão deverá confeccionar o objeto em cerâmica a ser vitrificado.



Esmalte Cerâmico
Internet

8. CINZELAGEM OU REPUXO

Técnica utilizada para criar volumes, relevos e texturas numa chapa de metal formando desenhos, também chamada de técnica de repuxado ou repuxo. Utilizam-se ferramentas de precisão que são os cinzéis (de ferro).



Sorro Edevar B Machado
Facebook

9. COMPOSIÇÃO DE IMAGEM EM AREIA

Consiste em criar desenhos utilizando areia colorida, colocando uma cor por vez em um recipiente transparente, com o auxílio de palhetas e canudinho de madeira, retratando imagens.



Composição de imagem em areia - Pinterest



Customização
Blog Maximus Tecidos

10. COSTURA

A costura deixou de ser apenas a confecção de roupas e peças utilitárias para se transformar na arte de unir tecido na construção de peças artísticas. O aproveitamento das sobras de tecido deixou de ser uma necessidade para se tornar uma forma de expressão.

10.1. COSTURA-FUXICO

Técnica de alinhavar retalhos dobrando uma pequena borda em torno do seu círculo enquanto é feito o alinhavo, depois puxa a linha até que as bordas do centro se unam. Prende o fio com um nó e corta a linha. Aperta o fuxico para que ele assente. Para o preparo são necessários agulha, linha, molde, retalhos e tesoura. A peça a ser confeccionada deverá ser constituída de pelo menos 50 por cento de fuxicos do formato tradicional.



Fuxico em Almofadas
Internet

10.2. COSTURA-PATCHWORK

É a técnica que une retalhos de tecidos costurados à mão ou à máquina de costura manual, formando desenhos geométricos. Os trabalhos com patchwork sempre envolvem uma sobreposição de três camadas com retalhos unidos por costura e manta acrílica, criando um efeito acolchoado (matelassê). Para o arremate dos trabalhos de patchwork, utilizam-se pespontos largos, mais conhecidos como quilt. O quilt é uma espécie de alinhavo, usado para criar efeitos de relevo nos trabalhos de patchwork ou em acolchoados. O quilt pode ser feito à mão ou com a máquina de costura.



Patchwork_ @marciasafre
Instagram



Colcha de Retalhos_ @marciasafre
Instagram

10.3. COSTURA - RETALHO

A costura em retalho é uma técnica que consiste em unir pequenos pedaços de tecidos, couro, pele e fibras de cores variadas, geralmente sobras, cuja composição resulta na produção de acessórios, bonecos, colchas, panos decorativos, peças utilitárias, revestimento de móveis, dentre outros. Esses tecidos são cortados, geralmente em diferentes formas, a partir de modelos previamente estabelecidos pelo artesão.

11. CROCHÊ

Técnica desenvolvida com o auxílio de agulha especial terminada em gancho e que produz um trançado semelhante à trama de uma renda. Os trabalhos podem ser realizados com fios ou outros materiais, com mínimo de 50 por cento da técnica aplicada na peça a ser executada. É usada na confecção de vestuário, mantas, tapetes e acessórios artesanais.



Bolsa Saco Ondinha por Marcelo e Anderson
do @valitutti.art para ateliê Pingouin

12. CURTIMENTO OU CURTUME ARTESANAL

Técnica de curtir pele de animal transformando-a em couro. A técnica deve ser empregada imediatamente após o abate do animal. Caso isso não seja possível, as peles devem ser submetidas rapidamente a um tratamento de imersão em solução saturada de cloreto de sódio (sal de cozinha).



Curtimento_@petruscaassef
Instagram



Cutelo Artesanal Barock

13. CUTELARIA

Consiste em criar instrumentos de corte, em ações sequenciais para a confecção de lâminas como adagas, espadas, facas, facões, machados, navalhas, punhais e todo tipo de utensílios metálicos de corte. A matéria-prima (metal) derretida é moldada com o auxílio de ferramentas para formar o produto desejado.

14. DESIDRATAÇÃO

Consiste na remoção do excesso de água de flores, folhas ou frutos em exposição ao sol ou utilizando forno adequado com temperatura moderada entre 35° a 70°C. No caso de flores, as melhores são as compactas com muitas pétalas, que finalizadas com selante floral se tornarão mais resistentes e duradouras.



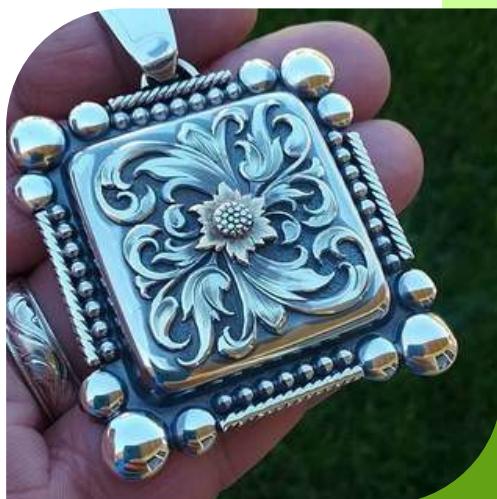
Foto: Reprodução/Pinterest

15. DOBRADURA OU ORIGAMI

Técnica de dobrar papéis, sem o auxílio de tesoura, cola ou cortes, geralmente feita em papel quadrado para criar formas representativas de animais, flores, objetos, dentre outros. Para ser artesanato, deve fazer referência à identidade cultural.



Raposa em Origami
Internet



Entalhe em Metal
Denny Aulia/Pinterest

16. ENTALHE/ENTALHAMENTO

Processo minucioso realizado em material rígido e pesado ou flexível, consistindo em abrir sulcos na matéria-prima, resultando, de acordo com o artesão, em peças tipificadas como esculturas, objetos utilitários, talhas, tacos (matrizes de xilogravura), entre outros.

16.1. ENTALHE EM CHIFRE E OSSO

É a técnica de talhar chifre e osso com o auxílio de cinzel, ferramenta cortante, furadeira e lixa.



Guampa em Prata Crioula e chifre
polido com entalhe em relevo

16.2. ENTALHE EM COURO

É a prática de adicionar desenhos no couro com o auxílio de buril, carimbo, ferramentas (estecas) de modelagem, faca giratória, ferramentas de chanfro, marreta de madeira ou de couro, molde e tábua de corte.



Foto: Reprodução/Internet



Galeria Macunaíma

16.3. ENTALHE EM MADEIRA

É a técnica de talhar a madeira com uso de formão, goiva e lixa para obter uma escultura ou objetos decorativos ou utilitários.

16.4. ENTALHE EM PEDRA

Consiste no desgaste de um bloco de pedra utilizando ferramentas como o cinzel, martelo e furadeiras. No artesanato, para pequenas esculturas, se utiliza também a serra diamantada, que vai dando o formato das peças.



Foto: Reprodução/Pinterest

17. ESCULTURA

Técnica que consiste no desbaste de diversos materiais (madeira, pedra etc) utilizando martel, cinzel ou talhadeira.



Escultura em cerâmica produzida manualmente - Internet



Esmerilhamento
Internet

18. ESMERILHAMENTO

Técnica de formar esculturas, adornos e outras peças decorativas usando como ferramenta o esmeril. O esmeril é uma pedra composta de vários minerais duros, geralmente de forma circular, acionada por motor ou manivela. Pode ser utilizada para trabalhar dente, chifre, casca de ovo de avestruz, casco, metal, osso, língua de pirarucu, semente e outras matérias-primas.



19. ESQUELETIZAÇÃO

Trata-se de conferir forma de esqueleto. A técnica de esqueletização da folha vegetal é a retirada da clorofila da fibra vegetal, deixando somente as nervuras da folha, utilizando-se soda cáustica. Caso haja a preferência pelo clareamento das folhas, elas são colocadas em alvejante com cloro até atingir a cor desejada, podendo também ser tingidas.

Foto: Alessandro Geraldi
Internet

20. FELTRAGEM

A feltragem artesanal consiste na prensagem e adensamento da fibra de lã de ovinos (a partir da limpeza, cardação e penteação da lã crua). Depois de umedecidas as fibras em água morna com sabão (coco ou glicerina) e, por meio de fricção e prensagem dos fios em movimentos circulares, haverá o entrelaçamento das camadas de lã formando uma espécie de manta densa que será utilizada para a confecção de ponchos, xales, chapéus, tapetes, bolsas e calçados, entre outros.



Foto: Reprodução/Internet



Empório Maria Mineira
Internet

21. FERRARIA

Técnica que se prepara o ferro aquecido numa forja e depois martelado numa bigorna ou prensa para se obter a forma desejada para produções artísticas. Com essa técnica, também conhecida como ferro batido, se produz peças de distinta beleza como castiçais, tocheiros, candeias, candelabros, chaves, peças de mobiliários como arcas, cofres e baús, além de ornamentos de portas e portões, janelas, espelhos de fechaduras entre outros.



Técnica de ourivesaria que consiste na combinação de delicados e finíssimos fios de ouro ou prata aplicados sobre placas do mesmo metal, desenhando motivos circulares ou espiralados.

Brilhos e Artes
Internet

23. FIAÇÃO

A técnica de fiação artesanal consiste no processo produtivo de retirada de fibras (da roca ou do cesto) para formar o fio, a torcedura das fibras (em poucas porções) e o enrolamento dos fios num suporte próprio (fuso). Em um processo de beneficiamento obtém-se o algodão batido ou chumaço de algodão desfiado, além da lã que é acondicionado em cestos. Bater o algodão/lã é o mesmo que “cardar”. Outra etapa é a da fiação propriamente dita, que produz o fio, e para isso é empregado o fuso e a roca ou roda de fiar. É uma técnica que exige grande habilidade manual. Para obter tecidos de boa qualidade, a fianeira prefere fazer fios no fuso. A roda não é boa para torcer boa linha, com fios finos e fortes.



Foto: Reprodução/Internet



24. FILIGRANA EM PAPEL OU QUILLING

Técnica minuciosa que utiliza tirinhas de papel, fita de cetim ou outros materiais para criar desenhos. O material é enrolado, moldado e colado, criando composições decorativas. Em algumas localidades também é conhecida como quilling.

Foto: Decoração de quilling de papel feita à mão - Internet

25. FOLHEAÇÃO/DOURAÇÃO

Técnica de decoração de superfícies que utiliza uma camada finíssima de ouro ou material com aparência deste metal. O metal transformado em lâminas muito finas (conhecidas como folhas de ouro) é aplicado em objetos como madeira ou similares. Para ser considerado artesanato, deve ser obrigatoriamente associado às técnicas de criação do objeto que servirá como suporte.



26. FUNDÇÃO

Técnica de fundir ou moldar um objeto, utilizando alumínio, ferro, bronze, latão ou alguma outra substância não perecível. Existem dois métodos de fundição: a cera perdida e a areia. A fundição feita em cera perdida é a técnica mais apurada para peças menores. O processo com areia é mais simples, utiliza um tipo de areia muito fina e de grande coesão, misturada com um pouco de argila. Assim, obtém-se um modelo positivo e um molde negativo, um pouco maior do que o objeto original. Por fim, é derramado o metal derretido entre as camadas, que endurece ao esfriar.



Foto: Reprodução/Internet



Latoaria - Internet

27. FUNILARIA/LATOARIA

Técnica de produção, reparação e recondicionamento de utensílios em metal de cor clara ou amarelada, particularmente lata ou flandes, nome popular da chapa de aço estanhada ou chapa de aço galvanizada (também chamada de zincada) através do processo de rebatimento e dobragem e, quando necessário, pontos de solda.

28. FUSÃO (FUSING E VITROFUSÃO)

Consiste na junção de pedaços de vidro em sobreposições que são levados ao forno a uma temperatura acima de 800°C até formar uma só peça. Na fusão, se aquece a matéria-prima até uma temperatura entre 1.600°C e 1.800°C, para que se tornem e possam ser moldados.



Foto: Reprodução/Pinterest

29. GRAVAÇÃO

É a arte ou técnica de gravar, ou seja, de fazer riscos e incisões. Pode ser feita diretamente no suporte ou em uma matriz para posterior reprodução, classificando-se assim como gravura. No caso de gravuras, há a impressão de uma imagem, estampa ou qualquer ilustração desenvolvida no suporte escolhido.

Foto: Reprodução/Internet



Linoleogravura
Blog Totenart

29.1. GRAVAÇÃO EM LINÓLEO

Técnica de gravura em alto relevo, o linóleo é produzido a partir de derivados de petróleo e utilizado como matéria-prima na confecção de matrizes. Ao se gravar essa matriz com um desenho, retira-se parte dele com instrumentos de corte como goivas e formões, promovendo o entintamento da superfície para depois transferir a imagem para o papel, tecido ou madeira usando uma colher específica. Difere-se da xilografia por usar superfícies lisas e maleáveis, como, por exemplo, a borracha.

29.2. GRAVAÇÃO EM METAL

Técnica realizada em uma matriz em forma de chapa metálica em que são criados desenhos e texturas por meio de ferramentas. A gravura em buril ou talho-doce e a ponta seca utilizam o metal fazendo incisões e depois se utiliza a tinta e a prensa para a finalização do processo de impressão. No caso da técnica água-forte, há o uso de agente químico e verniz. A maneira-negra ou meia-tinta é feita com a matriz preparada sem ácidos, trabalhando-se a partir do negro por meio de raspagem. A água tinta utiliza ácidos, breu, betume e resina que aderem à placa por meio do calor e traz como resultado a possibilidade das aguadas para se obter escalas de cinza.

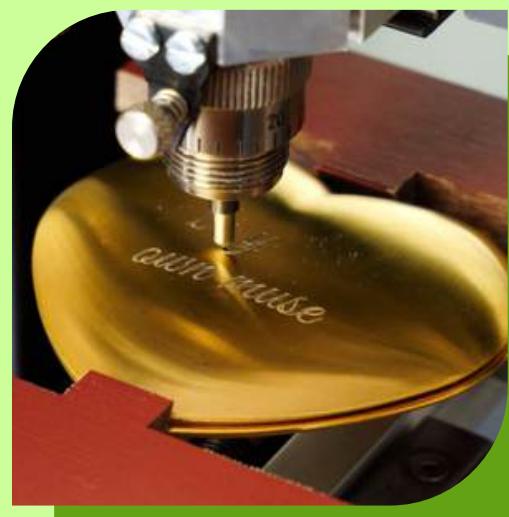


Foto: Reprodução/Internet

29.3. GRAVAÇÃO EM VIDRO

É baseada em moldes em cera, metal ou película, e permite gravar os vidros por corrosão com ácido ou jato de areia (jateamento) na criação de desenhos. Técnica também denominada de foscagem.



Foto: Reprodução/Internet



Foto: Reprodução/Internet

29.4. LITOGRÁFIA

Técnica de fazer gravuras cujo processo de gravação é executado sobre pedra plana e calcária, chamada Litografia. A superfície é desenhada com materiais gordurosos que são retidos pelo carbonato de cálcio da pedra, memorizando a imagem. Depois, é preciso uma combinação de ácidos que reagem fazendo com que a imagem fique gravada na pedra. Posteriormente, é passado um rolo com tinta de impressão sobre a superfície e então é colocado o papel e levado para a prensa. A tinta adere ao desenho, deixando brancas as partes sem imagem. Para efeito colorido, utiliza-se uma pedra de cada cor.

29.5. PIROGRAFIA

Técnica de gravação de desenhos a fogo sobre couro, madeira e outros tantos materiais - com o emprego de um pirógrafo (aparelho elétrico para gravação por meio do calor) ou ferro em brasa, formando paisagens variadas, feitas à mão livre em tonalidades que variam do marrom claro ao preto.



29.6. XILOGRAFIA

É a técnica para confecção de matrizes em relevo para a reprodução de gravuras, com características únicas e produção limitada. Tradicionalmente feitas sobre casca de cajá e imburana de cheiro, utilizando-se como principais instrumentos de trabalho um pequeno buril feito com haste de canivete, prego, sombrinha e agulhas para fazer os clichês. Para reprodução, usa-se um rodo com tinta gráfica sobre a matriz, tocando somente as partes elevadas, para impressões em borracha, madeira, papel, tecido, etc., que retratam temas característicos da região, feitos populares e festividades locais.



Foto: Reprodução/Internet



Foto: Reprodução/Internet

30. LAPIDAÇÃO

Lapidação é uma técnica para modelar, geralmente gemas, mas também se aplica a metais e outros materiais como vidros e cristais que servem para a fabricação de adornos, joias, biojóias e peças utilitárias. No caso de lapidação de gemas deverá estar associada a outras técnicas de ourivesaria para considerar o produto final como artesanato.



31. LATONAGEM

Consiste na arte de se fazer texturas e relevos a partir de qualquer tipo de forma ou figura em folha de metal maleável, utilizando a mão livre ou moldes para enfeitar os objetos. A folha de metal pode ser trabalhada de diversas formas e aplicada sobre madeira, porcelana, vidro e outros materiais. Pode ser utilizado alumínio, cobre, latão, além de boleadores, carretilha e ponta seca.

Foto: Reprodução/Pinterest

32. LUTERIA

A luteria diz respeito à construção e manutenção de instrumentos musicais, com foco, segundo a história, em instrumentos de cordas feitos em madeira, artesanalmente. O termo se refere à palavra francesa luth (liuto em italiano), por isso os construtores de luth (alaúde) eram chamados de luthiers. Com a evolução dos instrumentos, os luthiers passaram a construir também violões, violinos, violas, cavaquinhos e bandolins e, mais recentemente, guitarras e baixos elétricos ou outros instrumentos de corda. Assim, a palavra acabou adquirindo um significado genérico. Atualmente, é aceito o uso da palavra luthier na construção de instrumentos de sopro em madeira e cravos, utilizando técnicas como marcenaria, moldagem, entalhe, prensagem, colagem, além do acabamento em pintura.



Foto: João Prudente/Pulsar Imagens



Foto: Reprodução/Pinterest

33. MAMUCABA

A técnica consiste em transformar faixas de tecido plano ou fibras vegetais em fios, trançando-os. Esse tecido atravessa e reforça o cabrestilho, sendo as extremidades ornadas com as bonecas de mamucabas que dão reforço e beleza aos punhos da rede de dormir.



34. MARCENARIA

Técnica que surge da carpintaria como um dos ramos de trabalho artesanal na madeira, porém de forma mais delicada, com trabalhos em entalhe e torneamento. Somente as peças caracterizadas dessa forma são consideradas como trabalho artesanal.

Foto: Reprodução/Pinterest

35. MARCHETARIA

Técnica de embutir, encaixar, incrustar ou aplicar peças recortadas e/ou lâminas de madeira, metais e outros materiais, formando desenhos variados. As peças produzidas são chamadas de marchete, obra de embutidos ou peças de madeira a que se aplicam diferentes pedaços de madeiras preciosas, chifre, osso, madrepérola e outros materiais.



Canal Eduardo Casa Grande
YouTube



Imã de geladeira produzido pela artesã Mirinha Leal

36. MODELAGEM

A modelagem pode ser definida como o ato de modelar objetos tridimensionais, ajustando-a de forma manual a materiais como argila, balata, barro, massa de guaraná, borra de café, fécula de mandioca, massa sintética e papel machê. Mesmo com as tecnologias vigentes e o possível uso de torno, ainda é uma prática bastante artesanal. Diferente do desenho e da pintura, a modelagem nos proporciona a visão de todos os ângulos e lados da estrutura, e ainda podemos perceber a sua textura. No caso de massa fria (biscuit), o artesão deverá preparar a própria massa.

37. MODELAGEM A FOGO

Consiste em modelar peças utilizando o vidro como matéria-prima durante o "não" (Num é sinônimo de Não) processo que utiliza a chama de um maçarico a uma temperatura entre 950° a 1250° C. O artesão confecciona as peças com o vidro em alta temperatura utilizando varetas de vidro das mais diferentes cores. Também pode utilizar pigmentos óxidos na composição da cor. Utiliza ferramentas manuais, tais como espátulas, pinças e tesouras, para obter as formas desejadas na produção de miniaturas em vidro ou cristal.



38. MOLDAGEM

O processo de moldagem, aliado a outros métodos na confecção de um objeto, representa o protótipo original da imaginação criativa do artesão. Podem ser moldadas peças em ferro, látex, madeira, massa, papel e outros materiais. A moldagem no artesanato pode ser considerada quando o artesão produz o próprio molde e o resultado pode presumir regularidade e padrão, excetuando-se peças idênticas ou cópias.



Molde de silicone Kyart
Internet



Foto: Reprodução/Pinterest

39. MONTAGEM

Técnica de produção de uma série de peças com efeitos variados, sendo base para artesãos de áreas (Tipologias) distintas. Constitui-se em unir matéria-prima, de um só tipo ou diversa, formando uma única peça com identidade e função cultural. Em caso de montagem de adornos e acessórios, deverá utilizar materiais beneficiados a partir da natureza, tais como: sementes diversas, fibras naturais, casca do coco, frutos secos, conchas, chifre, madrepérola, capim, madeira, ossos, penas e escamas, dentre outros utilizados repetidamente para formar e valorizar a criação original da peça. Miçangas e pedrarias somente serão aceitas para artesanato indígena, quilombola e de matriz africana, desde que comprovada uma produção tradicional no âmbito de cada comunidade ou de manifestações culturais populares e tradicionais, referenciadas em documento pelas coordenações estaduais.

40. MOSAICO

Consiste em colocar peças recortadas ou quebradas (cacos) próximas umas das outras, resultando em um determinado desenho ou imagem. Depois da colagem e secagem das peças, o trabalho é rejuntado. Os materiais utilizados podem ser azulejo, pastilha de vidro, pastilhas de porcelana, pastilhas plásticas, pedras, cerâmicas, casca de ovo e espelhos em forma de pequenos fragmentos, feitos em suportes variados.



Foto: Reprodução/Internet



Foto: Reprodução/Internet

41. OURIVESARIA

A ourivesaria na joalheria é a técnica de produção de joias e ornamentos utilizando metais nobres: ouro, platina e prata. Com o derretimento do metal, as peças são condensadas em um bloco, até que o mesmo fique na forma desejada por meio de técnicas de martelagem, modelagem e refinamento.

42. PAPEL ARTESANAL

Técnica de produção de papel que utiliza diversos materiais, tais como: bagaço de cana, casca, erva, fibra vegetal, flor seca, papel industrializado, saco de cimento e outros, a partir de processos artesanais, tais como: separação, imersão, branqueamento, tingimento, feltragem e prensagem, entre outros, resultando em um produto final ou matéria-prima para novos produtos, tais como embalagens, caixas, cachepôs, portatrecos, entre outros. Para ser considerado artesanato, os objetos a serem produzidos devem possuir identidade cultural.



Schöpf Papier
Internet

43. PAPEL MACHÊ

Técnica que utiliza a massa de papel para moldar objetos utilitários ou decorativos. Palavra originada do francês papier mâché, que significa papel picado, amassado e esmagado, que, acrescido de cola, água e gesso em pó, se transforma em uma massa uniforme que, nas mãos do artesão, resultará em esculturas de animais, máscaras e objetos decorativos do folclore nacional pintados à mão com tinta acrílica.



Arktis Decor e Arte
Internet



Foto: Reprodução/Pinterest

44. PAPIETAGEM

Técnica ou processo de composição que consiste na utilização de recortes ou fragmentos de material impresso, papéis picados e superpostos. É necessário colar várias camadas de papel, esperar a secagem, podendo desenformar ou não para obter o produto final.

45. PINTURA

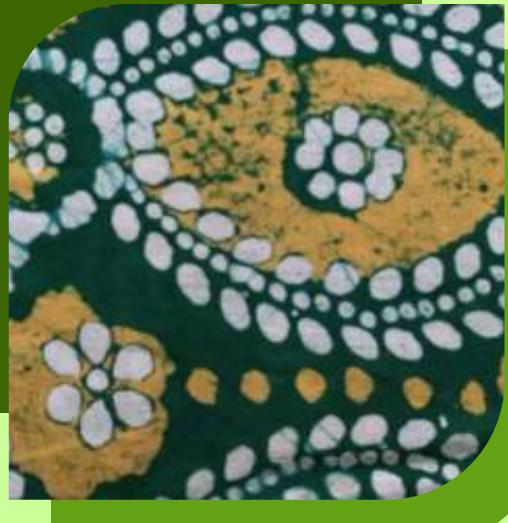
A arte da pintura nascida nas paredes das cavernas está presente em telas nas paredes das fazendas e casas. Saindo dos suportes tradicionais, a pintura ganha vida com técnicas variadas que embelezam até as peças mais singelas.



Foto: Reprodução/Internet

45.1. BATIK

Técnica de pintura em tecidos ou couros com características bem definidas; são utilizados cera de abelha, parafina e tinta. Assim que o tecido é pintado, ele é colocado em um banho de corante onde as áreas sob a cera permanecerão destinguidas. Podem ser produzidos desenhos complexos ao sobrepor cores e ao usar rachaduras na cera pintada para produzir linhas finas.



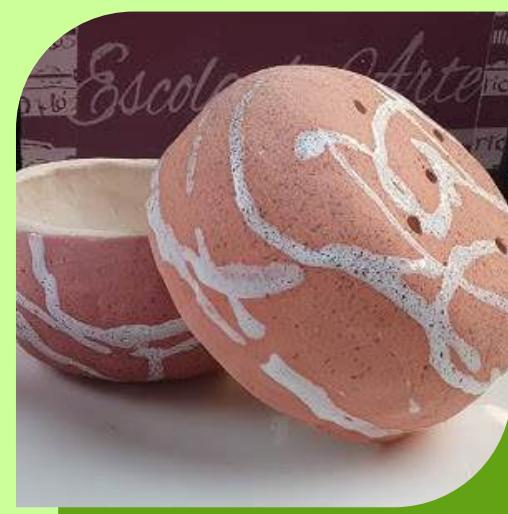
Batik – Estamparia e design
têxtil da EBA | UFRJ



Foto: Reprodução/Internet

45.2. BAUERNMALEREI

Técnica que retrata flores e arabescos em sua essência. Caracterizada por pinceladas livres, espessas e precisas, em formato de vírgula, realçadas com traços de branco. Usada em artigos de decoração, cachepôs, floreiras, janelas, móveis, soleiras, vasos e utensílios domésticos. Bauernmalerei ou simplesmente Bauer significa pintura campeste.



45.3. ENGOBE

Caracteriza-se por ser um tipo de tinta utilizada para pinturas em cerâmica que é composta de uma mistura de argila e água, com adição ou não de óxidos corantes e/ou pigmentos para produzir tonalidades variadas, aplicada em forma líquida na peça, antes da queima.

Foto: Reprodução/Internet

45.4. ESMALTE

Os esmaltes cerâmicos não são tintas, são derivados do vidro, e também conhecidos pelos nomes de “vidrado” ou “verniz”. No esmalte, a cor é produzida por óxidos metálicos e a sua formulação contém outros elementos que determinam propriedades diversificadas. A peça é pintada e depois levada ao forno para aderência, ativação da cor e do aspecto de vitrificação.



Foto: Reprodução/Pinterest



Estamparia Artesanal da Min
Internet

45.5. ESTAMPARIA

Tomando-se por base o tecido, são criadas sobre o mesmo estampas variadas com a utilização de aerógrafo, escova, pincel, rolo, seringa, carimbo e stencil, cujos modelos/moldes deverão ser de autoria e confeccionados pelo artesão, considerando a identidade cultural.

45.6. PÊSSANKA

A técnica consiste na pintura de ovo cru ou esvaziado, ou ovo modelado na madeira. São utilizados pigmentos naturais como casca de cebola, cebolinha roxa, cera de abelha, vela, etc. Utilizam-se como ferramentas pincel ou caneta.



Foto de divulgação Artesol

45.7. PINTURA À MÃO LIVRE

A técnica consiste na aplicação das tintas e pigmentos, naturais ou não, aliada ao desenvolvimento ou acabamento de peças de matérias-primas naturais ou manufaturadas, tais como cerâmica, madeira, couro, cabaça, entre outros, formando imagens criadas pelo artesão.



Foto: Reprodução/Internet



Estamparia Artesanal da Min
Internet

45.8. PINTURA EM AZULEJO

Técnica de pintura em azulejo, com aspecto iconográfico de cada região, com ornamentos geométricos ou florais, tanto à mão como serigrafados, levados ao forno para finalizar o objeto. Caso utilize matriz, deverá ser elaborada pelo artesão.



45.9. PINTURA DE TERRA

Consiste na utilização de tinta resultante das argilas e siltes da terra de várias tonalidades, que, aliados à água e cola, fornecem os pigmentos coloridos que serão aplicados no artesanato, como cerâmica, madeira, tecido, papel machê, entre outros. A tabatinga e o tauá são pigmentos naturais. Será considerado artesanato desde que o produto resultante tenha identidade cultural.

Foto: Reprodução/Internet

45.10. PINTURA VITRAL

Esta técnica é conhecida como falso vitral e baseia-se somente na utilização de tinta sintética vitral, onde o artesão executa desenhos de sua autoria, com a referida tinta sobre superfície de vidro, utilizando basicamente pincéis. Será considerado artesanato desde que o produto resultante tenha identidade cultural.



Foto: Reprodução/Internet



Foto: Reprodução/Internet

46. RECICLAGEM

É um processo de transformação de um resíduo sólido, que envolve a alteração de suas propriedades físicas, físico-químicas ou biológicas, tendo por finalidade o reaproveitamento de materiais diversos, transformados em novos produtos. O valor cultural agregado ao processo produtivo é determinante para se constituir em artesanato.

47. RENDA

Renda é uma técnica artesanal que consiste em entrelaçar ou recortar fios de algodão, linho, ouro, prata e seda, formando desenhos variados, geralmente de aspecto transparente ou vazado. A renda nasce e se desenvolve do fio que é conduzido por agulhas, trançado por bilros ou formado por nós. Nela, os motivos do desenho são feitos à medida que o artesão produz o fundo que estrutura o tecido.



Foto: Reprodução/Internet

47.1. ABROLHO

Abrolho é uma técnica que consiste em desfiar a ponta de um tecido, separar os fios em pequenos grupos e entrelaçá-los por nós, o que resulta em uma variedade de desenhos que formam a renda. Pode ser considerada uma variação da renda macramê.



Foto: Reprodução/Internet



Artesã produzindo Renda de Bilros
Biblioteca Municipal Professor
Barreiros Filho

47.2. BILRO

Técnica de produzir renda utilizando linhas de algodão e tendo como base um padrão feito de papelão picado, também chamado “pique” ou papelote, afixado numa almofada cilíndrica por meio de alfinetes ou espinhos e que são trançadas pela troca de posição dos bilros. Os bilros são pequenas peças de madeira (13 a 15 cm), que têm a função de tramar os fios da renda (podem ser todos de madeira ou com a esfera de coco). Cada renda vai demandar uma quantidade diferente de bilros, que são trabalhados simultaneamente.

47.3. FRIVOLITÊ

Espécie de renda cuja técnica consiste em pequenos nós produzidos inicialmente com o uso de navetes de madeira e linha de algodão. Atualmente, a frivolité também é feita com agulhas e o cordão é utilizado como matéria-prima na produção de bolsas, cintos, colares e outros adornos. Para as peças mais finas e vestuário, utilizam-se as linhas finas, conforme a tradição.

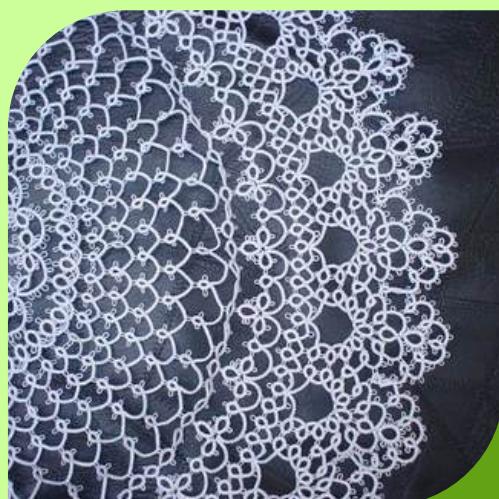


Foto: Reprodução/Internet

47.4. GRAMPADA

Técnica de laçar fios e fitas ao redor de hastes de metal (grampos) com o auxílio de uma agulha de crochê. Conforme a malha vai crescendo, são retiradas das grampos as primeiras laçadas.



Foto: Reprodução/Pinterest

47.5. GUIPURE OU GRIPIER

A renda guipure é feita de linho ou seda para fazer imitação em alto relevo. O ponto é trabalhado com agulhas para contornar com linha grossa alguns dos desenhos considerados mais importantes do padrão. A característica principal desse tipo de renda é a execução de diversos motivos como folhas, flores e ramificações de frutas, folhagens e arabescos. Cada um dos motivos é feito em separado.



Lápis de Cor Aviamentos
Internet

47.6. IRLANDESA

Trata-se de uma renda de agulha que tem como suporte o lacê, cordão brilhoso que, preso a um debuxo ou risco de desenho sinuoso, deixa espaços vazios a serem preenchidos pelos pontos. Estes pontos são bordados, compondo a trama da renda com motivos tradicionais e ícones da cultura brasileira, criados e recriados pelas rendeiras.



Foto: Reprodução/IPHAN

47.7. MACRAMÊ

Técnica de tecer fios que vão se cruzando e ficam presos por nós, formando desenhos geométricos, franjas e uma infinidade de formas decorativas. O macramê tem duas formas mais conhecidas de trançado: o ponto “festonê” e o ponto “nó duplo”. No primeiro, dois fios são usados, um esticado e o outro enlaça formando nós; no segundo, três fios são usados, um esticado no meio e os outros dois enlaçam formando nós.



Foto: Getty Images



Foto: Reprodução/Internet

47.8. RENASCENÇA OU RENDA INGLESA

Técnica em que a renda é construída a partir do alinhavo do lacê (espécie de fita) sobre o suporte com o desenho. Com agulha e linha, preenche-se os espaços entre os lacês. Depois de feito todo o preenchimento, o alinhavo é desfeito e a renda retirada do suporte. A técnica, também conhecida como Renda Inglesa, está incluída na categoria de renda de agulha por ser feita a partir de modelos riscados em papel, sobre o qual é preso o lacê, cadarço fino vendido em peças, que, com agulha, vai se ligando e formando os desenhos da renda.

47.9. TURCA OU SINGELEZA

Técnica elaborada com linha e agulhas. Uma das agulhas usadas é a de tapeçaria e as agulhas de apoio do trabalho são feitas com muita improvisação, usando talos de coqueiro, palitos de churrasco e o que estiver à mão. Em alguns locais, os artesãos usam a mesma navete que pescadores utilizam em suas redes. Os pontos são costurados com a agulha de tapeçaria enquanto ficam montados na agulha de apoio. A cada trecho, vão sendo retirados desse apoio e trabalhados com novos detalhes.



Foto: Reprodução/Pinterest

48. SAPATARIA

Técnica que envolve o tratamento artesanal do couro, modelagem, costura, entalhes, perfuração, lixamento e outras variações para a produção manual de sapatos, bolsas e outros acessórios.



@sapatariacouro
Instagram



Foto: Reprodução/TV TEM

49. SELARIA

A tradição tropeira e a criação de cavalos fazem da arte da selaria uma presença constante nas fazendas de algumas regiões.

50. SERRALHERIA

Consiste na transformação de metais em peças artesanais decorativas e utilitárias, utilizando-se o ferro e, mais recentemente, o alumínio como matéria-prima básica. A partir do desenho da peça a ser produzida, é determinada a quantidade e as dimensões de cada componente. O processo de produção começa com o corte de cada componente, e são retiradas as rebarbas. Em seguida, os componentes são desempenados, marcados e furados, e é feita a montagem com serviços de solda. Por fim, é feito o acabamento: esmerilhar, lixar, pregar parafusos e rebites, e pintar.



Blog Oficina do Ferro Artesanal

51. TAPEÇARIA

Técnica que consiste na confecção artesanal de um tapete, geralmente encorpado, sobre o suporte de uma tela, formado pelo cruzamento de duas estruturas de fios obtidos de fibras flexíveis, como algodão, lã ou seda. O uso de fios coloridos e de técnicas diversas de entrelaçamento permite que figuras sejam compostas durante o processo de execução.



Vídeo de Danielly Alves de Lima
YouTube



Foto: Reprodução/Internet

52. TAXIDERMIA

Técnica de dissecação para preservação da forma da pele, planos e tamanho dos animais, com o objetivo de manter as características de expressão do animal e, por vezes, seu ambiente natural. Usada para coleção, material didático ou uso decorativo, essa técnica utiliza facas, tesoura, linha e agulha, tinta e pincel, entre outros, além de produtos químicos.

53. TECELAGEM

Tecelagem é o trabalho de entrelaçar fios nos teares. Entrelaçar teia e trama - urdume e tapume. Teia é a base, o fundo do tecido, feito nas urdideiras e levado depois para o tear onde é tapado e então tecido. Tanto para o urdume como para o tapume, o tecelão vai utilizar fios de algodão, lã, linho, buriti, pita, entre outros. São instrumentos da tecelagem a urdidura, o cabo, a trama, o pente e outros, utilizados nos diversos tipos de teares.



Foto: Reprodução/Internet

54. TEÇUME

Consiste em um processo artesanal desde a extração de fibras vegetais (tala de arumã e cauá) com a utilização de corantes naturais, resultando em matéria-prima a ser trançada para a produção de artefatos domésticos e decorativos. Revela o processo produtivo de moradores de uma comunidade ribeirinha da Amazônia, conhecido como “Teçume D’Amazônia”.



Foto: Reprodução/Rede Artesol

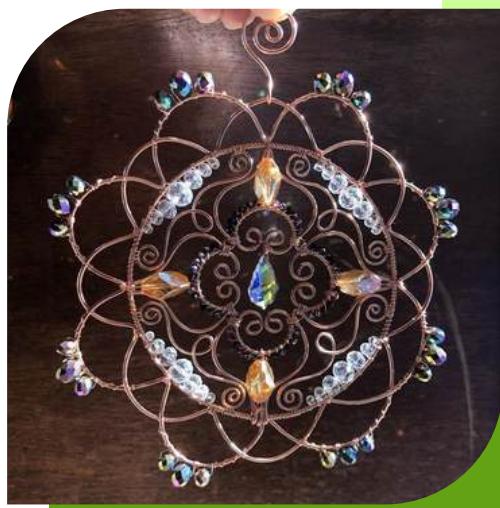


Foto: Reprodução/Pinterest

55. TORÇÃO EM METAL

Na técnica de torção são utilizados geralmente arames e chapas de metal. As peças são confeccionadas somente com a utilização de alicates. Normalmente o artesão utiliza os alicates de corte diagonal, bico meia cana, bico redondo e torqueira. As peças vão ganhando a forma desejada apenas com a dobragem e fixação das partes umas nas outras, utilizando a resistência do metal escolhido, sem qualquer auxílio de solda ou adesivos.



56. TORNEAMENTO

Modelagem de uma peça com a utilização de ferramenta cortante ou lixa, utilizando o torno elétrico ou manual, equipamento que possui a capacidade de girar, dotado de um eixo estendido na horizontal, geralmente utilizado para dar acabamento em peças. É usado para fazer peças de mobiliário, ferramentas, brinquedos e outros objetos de uso pessoal a partir de matérias-primas como chifre, osso e outros.

57. TRANÇADO

O trançado de fibras naturais é uma herança dos povos originários. Com o trançado de taquara, uma denominação comum de várias espécies de bambu nativos, fazem-se balaios, cestos, peneiras, forros e muito mais. Com o desmatamento, esta espécie nativa foi desaparecendo e, em seu lugar, surgiram variedades exóticas de bambu trazidas da Ásia. Com a Taboa, juncos nativo dos brejos brasileiros, são feitas esteiras, bolsas, cestos e painéis decorativos. Podemos citar ainda o uso da fibra de bananeira e de folhas de diversas palmeiras.



Foto: Theo Grahl / Artesol / Divulgação



Foto: Reprodução/Internet

58. TRICÔ

O tricô é uma técnica para entrelaçar o fio de lã, de couro ou outra fibra têxtil, por meio de duas agulhas grandes, criando-se assim um pano que, por suas características de textura e elasticidade, é chamado de malha de tricô ou simplesmente tricô.

59. VITRAL

A técnica do vitral consiste na composição de imagens cuja finalidade é a transposição da luz solar através de aberturas. A técnica consiste na construção da estrutura metálica ou de madeira, formando os desenhos e seu preenchimento com vidros coloridos ou transparentes pintados, observando elementos como a temperatura correta, o tempo exato do vidro no fogo, a dosagem dos pigmentos e a harmonia dos matizes. Utiliza-se na técnica a ferramenta de corte diamantada, massas de calefação e tintas sintéticas para vidro.



Foto: Reprodução/Internet

TÉCNICAS COMPLEMENTARES

1. REUTILIZAÇÃO

É um processo complementar à produção artesanal, com aproveitamento de um material sem transformar sua estrutura ou composição química, gerando novas possibilidades de uso. A partir de plásticos, alumínio, jornais, recipientes de vidro, lacre de alumínio, embalagens de papelão e outros itens, são criadas peças artísticas com função e identidade cultural.



Foto: Reprodução/Internet



Foto: Reprodução/Internet

2. PRENSAGEM

É uma técnica complementar que consiste em dar conformidade a materiais submetidos a uma pressão uniforme em toda a sua superfície, permitindo ajustes para uma variedade de exigências de qualidade, inclusive para dar forma às peças artesanais.

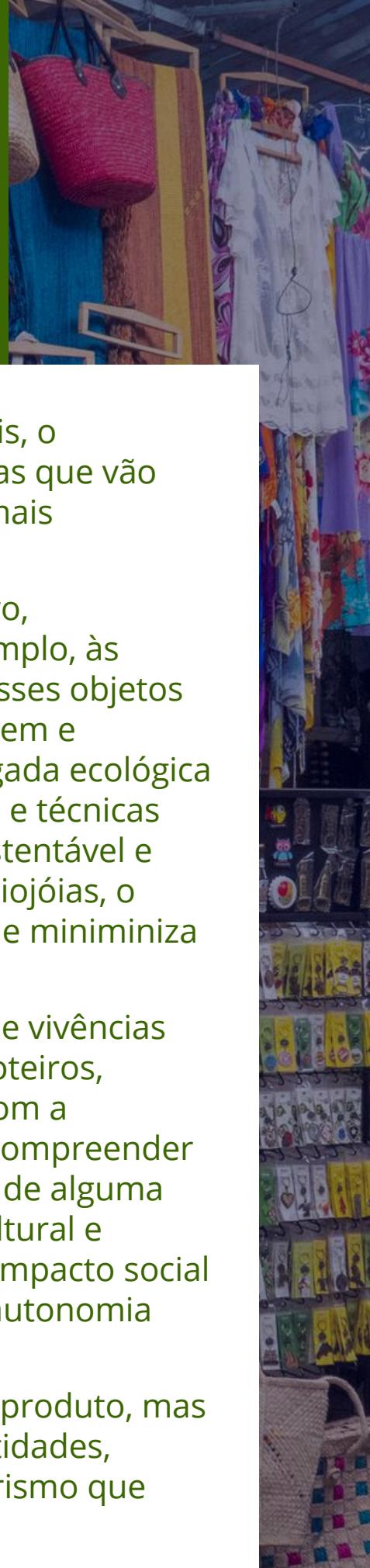
3. TINGIMENTO

É uma técnica complementar à produção artesanal, que consiste na alteração da cor primitiva de tecidos, fios, fibras, vegetais, couro ou outros materiais, dando-se cor por imersão em tinta ou corante, sintético ou natural, e formando padrões, entre dégradé colorido e com manchas ou figuras.

O tingimento natural vegetal pode ser feito a frio (preparado em temperatura ambiente, de 3 a 8 dias sob sol), a quente (a matéria-prima é fervida, coada e depois são acrescentadas as meadas) e a quente com mordentes (substância solúvel em água quente, capaz de se ligar às fibras e ao corante, tornando o corante insolúvel em água).



ARTESENATO QUE REGENERA



Ao conectar visitantes com saberes tradicionais, o artesanato cria experiências únicas e autênticas que vão além do consumo e incentivam uma relação mais respeitosa com os territórios visitados.

A produção artesanal gera um impacto positivo, oferecendo alternativas sustentáveis, por exemplo, às lembranças industrializadas, já que muitos desses objetos podem ser confeccionados a partir da reciclagem e aproveitamento de materiais, reduzindo a pegada ecológica do turismo. A partir do uso de materiais locais e técnicas regenerativas, como fibras naturais, moda sustentável e reaproveitamento de resíduos na criação de biojóias, o artesanato contribui para a economia circular e minimiza o descarte.

Pensando num turismo regenerativo, oficinas e vivências em artesanato podem ser incorporadas aos roteiros, trazendo maior envolvimento dos visitantes com a comunidade. Aprender uma técnica manual, compreender a história de cada peça e participar da criação de alguma delas, incentiva o reconhecimento do valor cultural e econômico do trabalho artesanal, o que gera impacto social e econômico, fortalecendo a economia local e autonomia das artesãs e artesões.

Dessa forma, o artesanato não se reduz a um produto, mas se torna um instrumento para fortalecer identidades, preservar a ancestralidade e promover um turismo que não apenas explora, mas que regenera.

FICHA TÉCNICA

Redação e Coordenação técnica:

Jane Sampaio
Luciana De Lamare

Diagramação:

Gabriela Dias



INSTITUTO
AUPABA

Transformando o Turismo para um futuro regenerativo

www.institutoaupaba.org